



FOTOJORNALISMO NA SBPJor: análise comparativa dos artigos científicos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo-Parte II¹

Diogo Azoubel²

Universidade de Sorocaba (Uniso), Sorocaba - SP

RESUMO

O texto revela os resultados de uma análise comparativa entre 13 artigos científicos apresentados entre os anos de 2010 e de 2012 no Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor. Trata-se do estudo de trabalhos que trazem entre as palavras-chave apresentadas o termo “fotójornalismo” à luz do método de abordagem dialético. Partindo dos dados coletados no banco de dados da biblioteca virtual da Associação, a intenção é discutir como o fotójornalismo tem sido pensado no Brasil tendo como base os estudos circulados em eventos de grande relevância no campo da Comunicação. Entre os pontos de convergência destacados neste trabalho estão as relações entre a representação e a ideia de choque; entre o tempo e a memória; e entre o regime de visibilidade do mundo inaugurado pela fotografia e a vida em sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; cultura; jornalismo; fotójornalismo; SBPJor.

1. INTRODUÇÃO

A segunda parte da proposta de refletir sobre fotójornalismo no âmbito do Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) integra uma investigação maior. Efetivada no primeiro semestre de 2015, buscamos entender o que tem sido produzido e compartilhado sobre o fotójornalismo no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e também no Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) (AZOUBEL, 2015a.). Esta é a terceira parte do levantamento comparativo entre os artigos científicos apresentados nas instâncias de discussão científica, agora com a intenção de refletir sobre como o fotójornalismo vem sendo pensado nos encontros nacionais da SBPJor desde o ano de

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – Mestrado. E-mail: diogoazoubel@gmail.com



2003. Assim, realizamos um levantamento inicial na base de dados do sítio da Associação, especialmente na biblioteca virtual (http://www.sbpjor.org.br/sbpjor/?page_id=16), em 13 de abril de 2015, que revelou 23 estudos que contêm entre as palavras-chave apresentadas o tema fotojornalismo, conforme a tabela abaixo:

Tabela 1: Fotojornalismo na SBPJor (2003-2012)

Nº.	ANO	TÍTULO	PROPONENTE(S) - INSTITUIÇÃO
1.	2003	O fotojornalismo e o poder na ascensão e queda de O Cruzeiro e Manchete	Silvana Louzada - UFF
2.		Complexidades urbanas e fotográficas: sujeitos e espaços no fotojornalismo de Belo Horizonte	Frederico de Mello Brandão Tavares - UFMG Paulo Bernardo Ferreira Vaz - UFMG
3.	2005	Jornalismo e realidades múltiplas: o “arrastão” e as representações midiáticas das identidades	Jorge Augusto Lima da Silva - UNB
4.		As possibilidades da imagem digital	Jorge Carlos Felz Ferreira - Umesp
5.		Atentado em imagens: sincronização e circularidade na mídia	Alberto Klein - UTP Ana Paula da Rosa - UTP
6.	2006	“Histórias e ‘estórias’ fotográficas”: um estudo sobre a produção fotojornalística do jornal impresso diário Zero Hora	Beatriz Sallet - Unisinos
7.		Fotojornalismo na web: atualização de alguns conceitos e usos a partir da análise das imagens fotojornalísticas disponíveis no UOL Notícias	Jorge Carlos Felz - FES-Juiz de Fora
8.	2008	O fotojornalismo em tempo de convergência digital: entre algumas permanências e outros desvios	José Afonso da Silva Junior - UFPE
9.		A teoria do jornalismo no cinema: como aportes teóricos do jornalismo são apresentados no filme O Quarto Poder	Macelle Khouri - UFSC
10.	2009	José Medeiros e o fotojornalismo na Revista O Cruzeiro	Ranielle Leal Moura - Umesp
11.		Iconoclasmo midiático: a força simbólica das imagens	Ana Paula da Rosa - Unisinos
12.		Decalques da moral e do rosto: representação do sofrimento e modos de ver no fotojornalismo contemporâneo	Angie Biondi - UFMG
13.	2010	Publicação e circulação no fotojornalismo contemporâneo: do arquivamento à disponibilização	João Guilherme de Melo Peixoto - UFPE
14.		Fotojornalismo colaborativo em tempo de convergência	José Afonso da Silva Junior - UFPE Eduardo Queiroga - UFPE



15.		Foto-choque e tragédias no fotojornalismo: análise fotográfica dos terremotos no Haiti e Japão no blog ?Big Picture?	Anderson José da Costa Coelho - UEL Anna Letícia Pereira de Carvalho - Faculdade Cásper Líbero
16.	2011	O fotojornalismo na O Cruzeiro: uma aproximação	Marcelo Eduardo Leite - UFCE
17.		Impressões pela luz: registro da memória fotográfica e valorização dos pioneiros do fotojornalismo em Itajaí	Stéphanie Wrubleski da Rocha - Univali Robson Souza dos Santos - Univali
18.	2012	O momento decisivo no fotojornalismo atual: a importância da <i>métis</i> na atuação do fotógrafo	Andréa Karinne Albuquerque Maia - UFPB
19.		Fotojornalismo de capa: um panorama da atividade nos jornais paranaenses durante o regime militar	Fabiana Aline Alves - UEL
20.		<i>IPhonephotography</i> e a cobertura de guerra – novos paradigmas para o fotojornalismo	Jorge Carlos Felz Ferreira - UFF
21.		Fotojornalismo e alteridade: as imagens de guerra sob um ponto de vista ocidental	Juliana Andrade Leitão - UFPE
22.		Fotojornalismo e cotidiano nas favelas cariocas: relações entre as periferias culturais e a imprensa hegemônica	Alice Baroni - <i>Queensland University of Technology</i> Leonel Aguiar - PUC-Rio
23.		A busca pelo contato no fotojornalismo midiático	Marcelo Salcedo Gomes - Unisinos

FONTE: AZOUBEL, 2015.

Como colocado na Parte I deste levantamento (AZOUBEL, 2015b.), dividimos a segunda etapa da pesquisa em duas partes: esta abordando os estudos apresentados de 2010 a 2012 (destacados com fundo cinza na tabela acima) e a outra envolvendo o material apresentado entre os anos de 2003 e 2009. A intenção foi, mesmo que minimamente, equilibrar o uso dos dados coletados em uma perspectiva que nos permitisse analisar cuidadosamente cada texto.

Neste momento, trabalhamos com o *corpus* de 13 artigos científicos: cinco assinados por mulheres, quatro por homens, três em coautoria de mulheres e homens e um em coautoria de homens³.

³ A questão do número de trabalhos sobre fotojornalismo produzidos por pesquisadoras parece se equilibrar neste ponto, haja vista que o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indica que 51% dos 190.755.799 habitantes no Brasil são mulheres e 49% homens. Do total de textos analisados neste artigo científico, pouco mais de 38% são assinados por mulheres; cerca de 30% assinados por homens; 23% por mulheres e homens em coautoria; e quase 8% por homens em coautoria. Ou seja, mais de 60% dos textos são resultado de estudos empreendidos por ou com mulheres. Apesar de ainda não trabalharmos com a questão do gênero da produção científica nacional sobre fotojornalismo, julgamos pertinente a observação de tais números para a condução de pesquisas futuras.



Sobre os nomes dos autores, mantivemos o que consta no corpo de cada artigo analisado e a ordem em que eles são dispostos⁴ – quando em coautoria. Já como metodologia de trabalho, permanecemos à luz dos métodos de abordagem dialético e de procedimento comparativo descritos por Marconi e Lakatos (MARCONI; LAKATOS, 1991, p. 101 e 107).

A seguir, tratamos do que julgamos serem os principais argumentos e reflexões sobre o tema da pesquisa presentes em cada texto apreciado.

2. REPRESENTAÇÃO E CHOQUE

O termo choque pode ser compreendido de maneiras distintas. Partindo do Dicionário Michaelis digital, trata-se, entre outras coisas, de um sinônimo para as palavras comoção, abalo, antagonismo, conflito, luta e oposição. Não surpreende, portanto, que as imagens dispostas em veículos jornalísticos sejam, muitas vezes, fruto da intenção de chocar os leitores, comovê-los de alguma forma e, com isso, fomentar a circulação e o consumo do próprio veículo jornalístico.

Entre os artigos científicos que analisamos, a problematização da chamada foto-choque está presente em cerca de 80% dos textos. Como exemplo, em *Foto-choque e tragédias no fotojornalismo: análise fotográfica dos terremotos no Haiti e Japão no blog “Big Picture”* – datado de 2011 –, assinado pelos pesquisadores Anderson José da Costa Coelho⁵ e Anna Letícia Pereira de Carvalho⁶, consta que cabe às imagens técnicas dar visibilidade ao mundo.

Para os autores, vivemos em uma sociedade sedenta por traduções visuais dos acontecimentos. Nessa perspectiva, a fotografia implica olhares e simbologias sobre tal representação que são capazes de ampliar a compreensão das notícias textualmente relatadas diante de nós (COELHO; CARVALHO, 2011, p. 3).

Como característica particular, as imagens, ao contrário dos textos, são “acessíveis a receptores de diferentes partes do mundo produzindo um novo tipo de visibilidade, principalmente com o surgimento da Internet” (COELHO;

⁴ A exceção fica por conta do nome do pesquisador José Afonso da Silva Junior, que também aparece registrado como Silva Jr. em alguns textos. Para evitar dicotomias, adotamos aqui a forma de citação que o próprio autor utiliza: Silva Junior.

⁵ Nota original: Fotógrafo e mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação Visual pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: andersoncoe@gmail.com

⁶ Nota original: Mestranda em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero e integrante do grupo de pesquisa em Comunicação e Cultura Visual da Faculdade Cásper Líbero. Email: annaleticia@gmail.com



CARVALHO, 2011, p. 5). Em comum, e apesar de todas as diferenças possíveis, tais sujeitos têm consigo a acessibilidade aos testemunhos de todos os tipos de fatos simbolicamente retratados.

Partindo desse ponto de vista, explicam, as imagens tendem a surgir com cada vez mais velocidade – especialmente com o avanço dos dispositivos técnicos –, fato que inviabiliza o aprofundamento do leitor nos temas mediados. Logo, a aflição e o sofrimento alheios são usados como recurso para captar os olhares do leitor em um ciclo que entorpece e emudece as mentes, tornando-o alheio a dor dos outros (COELHO; CARVALHO, 2011, p. 6).

Percebe-se, assim, o condicionamento do olhar intencional construído pelos envolvidos na cadeia produtiva fotojornalística. Afinal, a intencionalidade é uma das marcas na atribuição de sentidos e no traslado das mensagens ao leitor, nos quais a escolha dos ângulos, enquadramentos e planos revela habilidades, experiência e reflexão (COELHO; CARVALHO, 2011, p. 20-21).

A professora e pesquisadora Fabiana Aline Alves⁷, recorrendo a Baeza, revela em *Fotojornalismo de capa: um panorama da atividade nos jornais paranaenses durante o regime militar* – texto datado de 2012 – que “a imagem fotojornalística é, dentre as produzidas ou adquiridas pela imprensa como conteúdos editoriais próprios, a que se vincula a valores”⁸ (ALVES, 2012, p. 7).

Devido à importância informativa das imagens do fotojornalismo, informar se tornou o valor primeiro da atividade. Assim a fotografia na imprensa é predominantemente, de acordo com Sousa (1998, p. 94), “uma fotografia legível e decifrável, com um alto grau de figuração, mas que, ao elaborar significações, dramatiza e conota o real”. O autor frisa que quando se fala em fotojornalismo fala-se, usual e incompletamente, de imagens de acontecimentos ou problemáticas de “interesse jornalístico” (“interesse público”), mesmo que não reguladas pelos critérios dominantes de noticiabilidade. Para isto, a fotografia segue o caminho da retórica da “objetividade” e que se traduz, principalmente, no realismo e na enfaticidade da imagem fotográfica (ALVES, 2012, p. 7).

⁷ Nota original: Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Especialista em Fotografia pela mesma instituição de ensino. Jornalista e historiadora formada pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Docente colaboradora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Unicentro.

⁸ Tradução livre da autora para a citação “*la imagen periodística es, de entre las producidas o adquiridas por la prensa como contenidos editoriales propios, la que se vincula a valores de información, actualidad y noticia*”.



E é esse realismo que impacta o público quando da documentação de temas polêmicos, como a violência. Para a pesquisadora Alice Baroni⁹ e para o professor e pesquisador Leonel Azevedo de Aguiar¹⁰, em *Fotojornalismo e cotidiano nas favelas cariocas: relações entre as periferias culturais e a imprensa hegemônica* – texto datado de 2012 –, a prática fotojornalística conclama a sociedade e as autoridades a discutirem determinadas questões quando, por exemplo, da veiculação de confrontos violentos (BARONI; AGUIAR, 2012, p. 9).

Seja realizado por profissionais das imprensas hegemônica ou alternativa, o fotojornalismo tenciona as relações dos seres humanos consigo mesmos e com um mundo ao ponto de se revelar como catalizador do que pode ser revelado.

A professora e pesquisadora Juliana Andrade Leitão¹¹ explica que existem diferenças sobre o que deve ou não ser veiculado quando da tradução imagética de uma situação de violência e ou conflito e que isso não se relaciona com a qualidade técnica da fotografia. “Essa diferenciação é o tratamento dado a ‘nós’ e aos ‘outros’. Existe um argumento comum para não mostrar corpos de pessoas próximas, da mesma cidade, por exemplo, que é o direito dos parentes” (LEITÃO, 2012, p. 4).

Em *Fotojornalismo e alteridade: as imagens de guerra sob um ponto de vista ocidental* – texto datado de 2012 –, Leitão indica que é mais simples olhar para o outro, para o distante, e imaginar que lá tudo é muito pior do que aqui. Para ela, a atual configuração da cobertura fotojornalística acaba por reforçar modelos de representação pautados em recortes fantásticos do mundo (LEITÃO, 2012, p. 13).

Nessa direção, a pesquisadora Angie Biondi¹² afirma em *Decalques da moral e do rosto: representação do sofrimento e modos de ver no fotojornalismo contemporâneo* – texto datado de 2010 – que o fotojornalismo “se vale como aquele

⁹ Nota original: Doutoranda do Departamento de *Creative Industries*, da *Queensland University of Technology*, Brisbane/Austrália. Mestre em Comunicação Social (PUC-Rio). Integrante do *CCI - the ARC Centre of Excellence for Creative Industries and Innovation*.

¹⁰ Nota original: Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e coordenador do Curso de Comunicação Social da PUC-Rio. Doutor e Mestre em Comunicação e Cultura (UFRJ), graduação em Comunicação/Jornalismo (UFF).

¹¹ Nota original: Juliana Andrade Leitão, jornalista, atua desde 2003 como repórter fotográfico. Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – POSMEX/ UFRPE. Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco – PPGCOM/UFPE, sob a orientação do profo DR. Alfredo Vizeu. Professora do curso de Publicidade e Propaganda da Escola Superior de Marketing e do curso de jornalismo da Faculdade Joaquim Nabuco. Recife-PE. E-mail: julleitao@gmail.com link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/9820856185553874>

¹² Nota original: Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea da UFMG, pesquisadora do GRIS – Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade/ UFMG. Mestre em Comunicação e Cultura Contemporânea/UFBA. Bolsista CAPES. Social. E-mail: angiebiondina@gmail.com



que presta um serviço à sociedade” e que, alicerçado no argumento de “por o mundo a par de”, testemunha e nos atualiza os fatos mundo afora por meio das notícias (BIONDI, 2010, p. 3).

Trata-se, portanto, da veiculação de imagens em uma perspectiva que atribui, confirmam ou negam certos valores em vez de outros, seja por meio de esquemas cognitivos, afetivos ou morais registrados nas páginas dos jornais, revistas etc. (BIONDI, 2010, p. 6).

Da mesma forma, e com o avanço das tecnologias digitais, a circulação das imagens técnicas tem sido potencializada, bem como ampliadas as possibilidades pelas quais as mesmas são registradas. Sobre o assunto, o professor e pesquisador Jorge Carlos Felz Ferreira¹³ explica em *iPhone-photography e a cobertura de guerra: novos paradigmas para o fotojornalismo moderno* – texto datado de 2012 – que o público tem se deixado levar com cada vez mais intensidade pelas imagens aparentemente sem disfarces, sejam elas do cruel, do trágico ou da morte (FERREIRA, 2012, p. 5).

Segundo ele, vivemos em uma era em que tais imagens se assemelham ao “real” na mesma medida em que são percebidas como confiáveis por não terem sido construídas à luz das técnicas de composição visual. Ao contrário, a qualidade das mesmas é baixa, “são fotografias borradas ou são imagens pobres – do ponto de vista técnico e estético” (FERREIRA, 2012, p. 8).

Argumentando em prol do alargamento do acesso a dispositivos técnicos como *smartphones*, Ferreira indica caminhos possíveis para o fotojornalismo, uma vez que estabelece entre aparelhos como o iPhone e as câmeras fotográficas digitais (profissionais ou não) um paralelo. Para ele, apesar de serem percebidos como “brinquedos” por algumas pessoas, esses dispositivos “liberam o profissional, que diminui o peso dos equipamentos e permitem o envio imediato das imagens diretamente para as empresas, permitindo a publicação em tempo real na Internet e sem usar equipamentos complementares” (FERREIRA, 2012, p. 9).

Na mesma direção, incorporar tais dispositivos à rotina fotojornalística direciona a prática a um caminho diferente do tradicional, uma espécie de desafio inovador, pois:

¹³ Nota original: Jornalista e fotógrafo. Mestre em Comunicação pela Univ. Metodista de S. Paulo. Doutorando do PPGCOM-UFF. Professor Assistente da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.



As distorções dos aplicativos usados nos aparelhos de celulares não diferem, por exemplo, dos filtros de *Photoshop* que são já (sic.) se tornaram uma prática comum no fotojornalismo. Seria o fim do fotojornalismo? Esta é uma questão de como definimos hoje o fotojornalismo. Se, há 10 ou 15 anos atrás, alguém nos dissesse que em todo mundo, num futuro próximo, as pessoas manteriam um diário digital para escrever os seus pensamentos mais íntimos e torna-los público para que todos pudessem ler, acharíamos isso uma loucura. Mas esse é o mundo em que vivemos (FERREIRA, 2012, p. 16).

Seguindo tal linha de pensamento, o que, então, seria o elo entre o passado e o presente? A própria ideia de choque, de conflito, de impacto se apresenta como resposta possível, haja vista que, desde a incorporação das fotografias à prática jornalística impressa (e posteriormente digital) esse tipo de representação se mantém vivo no imaginário do público leitor.

Para Ferreira, tais imagens sobrevivem e se propagam desde a metade do século XIX. Pois, funcionando como instrumento de documentação e de registro de conflitos armados, a prática fotográfica vem sido reconfigurada – inclusive no que tange aos olhares dispensados a esses mesmos conflitos – e expandida, fato que impacta diretamente na vida em sociedade (FERREIRA, 2012, p. 2).

O pesquisador Marcelo Salcedo Gomes¹⁴ ajuda a problematizar a questão. Em *A busca pelo contato no fotojornalismo midiaticado* – texto datado de 2012 –, ele indica que os novos suportes de comunicação sustentam um novo ambiente no qual as interações sociais se transformam em relações sócio-técnicas, resignificadas a partir do uso que se faz de cada dispositivo técnico (GOMES, 2012, p. 4 e 14).

E é nesse ambiente digital que as imagens técnicas encontram espaço para florescer; circular em diversos fluxos; alcançar o olhar do público resignificar relações e voltar ser produzidas por aqueles que, outrora, eram os receptores delas, reiniciando o ciclo.

No que tange as essas possibilidades de reconstrução por parte do público, o pesquisador João Guilherme de Melo Peixoto¹⁵ explica em *Publicação e circulação no fotojornalismo contemporâneo: do arquivamento à disponibilização* – texto datado de 2010 – que a abertura de canais para dialogar com receptor importa o convite para

¹⁴ Nota original: Mestrando do Programa da Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, linha de pesquisa Mídia e Processos Sociais (LP4). E-mail: salcedogomes@gmail.com

¹⁵ Nota original: Mestrando do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFPE, email: jappeixoto@hotmail.com



que ele interaja com os veículos de comunicação e com os seus usuários, seja produzindo e circulando nesses espaços imagens e textos próprios ou avaliando/discutindo as produções ali dispostas (PEIXOTO, 2010, p. 7).

Sobre a prática do fotojornalismo, destaca as maneiras pelas quais ela se conecta a outras formas de contar histórias. Peixoto afirma que o avanço das tecnologias permite maior envolvimento do leitor, fato que desemboca em uma tomada de atitude diante do que é comunicado e que culmina em “um caminho narrativo o qual prime pela participação, pelo cuidado com a subjetividade” (PEIXOTO, 2010, p. 7).

Dessa maneira, a fotografia jornalística circulada na Internet revela as possibilidades de maior interatividade e personalização dos conteúdos (PEIXOTO, 2010, p. 9). Sobre o assunto, a professora e pesquisadora Ana Paula da Rosa¹⁶ revela que as imagens tem sido crescentemente apresentadas em variados dispositivos de maneira replicante e reverberadora: os conteúdos dos jornais são reproduzidos em sítios, na televisão, nas revistas impressas e eletrônicas etc. de maneira a agendar a vida em sociedade.

Em *Iconoclasmo midiático: a força simbólica das imagens* – texto datado de 2010 –, Rosa conta que as imagens aparecem e desaparecem de acordo com a lógica das mídias: quanto mais replicadas, maior a visibilidade dada a elas em outras plataformas (ROSA, 2010, p. 2-3).

Mesmo que nem sempre reverberada jornalisticamente, essa tematização da qual fala a autora é confirmada em uma perspectiva cíclica. Trata-se, portanto, da renovação constante de um processo de autorreferenciação que, entre outras características, possibilita um ciclo de vida às imagens que media (ROSA, 2010, p. 3).

Soma-se a isso a própria interação entre texto e imagem no que toca ao fotojornalismo como conhecemos. Para Marcelo Eduardo Leit¹⁷, em *O fotojornalismo na O Cruzeiro: uma aproximação* – texto datado de 2011 –, essa junção cria novos tipos de informação. Seja divergindo do que é mostrado ou confirmando a narrativa visual, o texto surge como direcionamento ao leitor sobre como consumir aquela

¹⁶ Nota original: Ana Paula da Rosa é Jornalista, mestre em Comunicação e Linguagens pela UTP e Doutoranda em Ciências da Comunicação pela UNISINOS. Atualmente coordena os cursos de Comunicação Social (Jornalismo, Rádio e TV e Publicidade e Propaganda) na Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: ana.rosa@utp.br

¹⁷ Nota original: Doutor em Multimeios pela UNICAMP e Professor de Fotografia e Fotojornalismo no curso de Comunicação Social (Jornalismo) na Universidade Federal do Ceará, Campus Cariri. E-mail: marceloeleite@cariri.ufc.br e marceloeduardoleite@gmail.com



imagem técnica – nem sempre veiculada de maneira a contemplar a magnitude de sua própria história (LEITE, 2011, p. 2).

A fotografia estrutura-se de forma plena nos veículos noticiosos, tal processo provoca uma forma própria de se passar um relato de determinados acontecimentos. A fotografia, posta em uma revista, ganha o poder do convencimento, dando veracidade ao texto. Nestes termos a fotografia cumpre sua vocação de promover a impressão de realidade de um determinado acontecimento e, se tratando de uma informação na imprensa, o faz fomentando a idéia (sic.) de verdade (VILCHES, 1993, p. 19). Desta forma, a fotografia exerce no jornalismo uma função de afirmação da veracidade dos fatos. A câmara imprime o que vimos, dando uma prova física, eliminando possíveis dúvidas. Coisas que ouvimos falar a respeito, as quais ainda pairam dúvidas, comprovam-se por meio de uma fotografia (SONTAG, 1981, p. 5). Seria então a afirmação de uma representação que solidifica a idéia (sic.) de verdade (LEITE, 2011, p. 2).

E continua recorrendo a Jorge Pedro Sousa no sentido de que o encontro entre fotografia e texto é fundamental para que se consiga bem informar pelo jornalismo. Na mesma direção, o texto seria um complemento na construção de sentido da mensagem veiculada visualmente, ao passo que a fotografia enquanto documentação dos acontecimentos seria um produto novo que faz parte da construção da sociedade e que, com ela, participa dos acontecimentos mais marcantes (LEITE, 2011, p. 3).

Tal orientação pode ser constatada também em *O momento decisivo no fotojornalismo atual: a importância da métiis na atuação do fotógrafo* – texto datado de 2012. Assinado pela pesquisadora Andréa Karinne Albuquerque Maia¹⁸, o estudo revela a gênese da ideia de que o fotógrafo atua como olhos do mundo. Ao remeter à Alemanha da década de 1920, a autora aponta aquele país como berço do denominado fotojornalismo moderno, no qual o ato de informar se assenta sobre a junção de fotografia e texto (MAIA, 2012, p. 1-2).

Também recorrendo a Sousa, a autora estabelece uma distinção entre esse fotojornalismo e o fotodocumentarismo. Ao primeiro cabe, de acordo com ela, a atuação de um profissional a serviço de veículos comunicacionais na cobertura jornalística e imagética de fatos que possam ser traduzidos em notícias; ao segundo, o registro de temas atemporais em projetos fotográficos motivados pelo conhecimento prévio do assunto. Da mesma forma, Maia pontua que os avanços das tecnologias não

¹⁸ Nota original: Mestranda de Comunicação e Culturas Midiáticas da UFPB. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo (GRUPECJ-UFPB). Especialista em Gestão Estratégica de Pessoas. (UEPB). Bacharel em Comunicação - Jornalismo e Relações Públicas (UFPB). E-mail: andreakarinne@gmail.com



só influenciam a atuação dos fotógrafos, como definem épocas e determinam rotinas e maneiras pelas quais a sociedade passa a atribuir significados às imagens técnicas veiculadas pela imprensa (MAIA, 2012, p. 3).

Para a pesquisadora Stéphanie Wrubleski da Rocha¹⁹ e para o professor e pesquisador Robson Souza dos Santos²⁰ em *Impressões pela luz: registro da memória fotográfica e valorização dos pioneiros do fotojornalismo em Itajaí* – texto datado de 2011 – sem neutralidade, a fotografia cria novas formas de documentar a vida em sociedade. De acordo com eles, mais do que o texto escrito, o desenho ou a pintura, a imagem fotográfica jornalística informa o leitor e “cria verdades a partir de fantasias do imaginário” (BORGES, 2005 *apud* ROCHA; SANTOS, 2011, p. 2).

Tais verdades estão associadas à convivência do fotojornalista com os cenários a serem documentados, bem como à organização do que deve ou não ser registrado a fim de que se transmita ao leitor “a mais fiel percepção da realidade” (ROCHA; SANTOS, 2011, p. 4).

Embora questionável, essa fidelidade da qual falam os autores pode ser problematizada já desde quando do surgimento do fotojornalismo. A Guerra da Criméia marca não só o surgimento da prática como inaugura o recorte intencional dos fatos por parte dos agentes da mídia. Em meados do século XIX, os registros de Roger Fenton sobre o combate são veiculados por um jornal italiano. Naquele momento, as imagens retratavam muito mais a pose de soldados em cenários sem a morbidez da guerra do que o conflito em si (SOUSA, 2014 *apud* ROCHA; SANTOS, 2011, p. 4). Tais fatos nos permitem refletir sobre as raízes da construção social da imagem fotográfica enquanto testemunho vivo de fragmentos do mundo.

Buscando as palavras de Boris Kossoy, os pesquisadores afirmam que por meio da veiculação de imagens técnicas registradas em contextos distintos se preserva a memória visual de acontecimentos inúmeros, cenários, personagens, mudanças e eventos. Nesse percurso, a fotografia se firma como conteúdo que informa e emociona: um documento ativador da memória (ROCHA; SANTOS, 2011, p. 4).

¹⁹ Nota original: Acadêmica do 4o período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí – Univali. Pesquisadora do Grupo Monitor de Mídia do curso de Jornalismo da Univali. Email: stephanie.wr@hotmail.com

²⁰ Nota original: Jornalista, Mestre em Literatura Brasileira pela UFSC, professor dos cursos de Jornalismo, Relações Públicas e Tecnólogo em Fotografia da Univali. É membro do grupo de pesquisa Monitor de Mídia e atuou como orientador da pesquisa aqui relatada. Email: rsouzass@gmail.com



Essa perspectiva remonta ao surgimento da câmara obscura, como afirmam o professor e pesquisador José Afonso da Silva Junior²¹ e o pesquisador Eduardo Queiroga²² em *Fotojornalismo colaborativo em tempo de convergência* – texto datado de 2010.

Para eles, apesar de conhecidos há mais de dois mil anos, os princípios óticos que tornam possível o surgimento da câmara obscura só se tornaram populares na Idade Média, seja como instrumento de auxílio para desenhistas e pintores, modelo de visualidade ou como entretenimento (HOCKNEY, 2001 *apud* SILVA JUNIOR; QUEIROGA, 2010, p. 2).

O surgimento da fotografia, ainda na modernidade, pode ser compreendido como a construção histórica da visão, ou mais especificamente, de uma possibilidade de observação do mundo apoiada em dispositivos de ordem técnica que passam a organizar, sistematizar e gerar ampliação do campo da visibilidade (SILVA JUNIOR; QUEIROGA, 2010, p. 3).

Tal ampliação não só retoma os argumentos sobre a proximidade entre leitor e acontecimentos, mas também aqueles sobre a ativação da memória, uma vez que é por meio da circulação das imagens técnicas que a vida em sociedade tem sido pautada. Afinal, explicam os autores, a câmara obscura alicerça o surgimento de um regime de visualização do mundo que reverbera no ato de olhar e na formatação do fotojornalismo.

Primeiro, a câmara separa e distingue necessariamente a imagem do objeto. Ao representar o mundo, ela cria em cima da coisa mesma, a sua imagem técnica. Segundo, ao delimitar e definir os posicionamentos entre observador e mundo, cria para a observação a cisão entre sujeito e objeto. Terceiro, porque se individualiza por definir o observador - fotógrafo, como isolado. O mundo é exterior, a verdade, mesmo que visual, está lá fora. Quarto, a função decisiva da câmara escura, sobretudo para o campo da imprensa, foi separar o ato de ver do corpo físico do observador - leitor, descorporificando a visão presencial por uma troca simbólica que passa a ser ajustada por um agenciamento tecnológico dado pelo conjunto de aparatos visuais e combinados com aparatos de imprensa, distribuição, transporte, consumo em massa de jornais (SILVA JUNIOR; QUEIROGA, 2010, p. 3).

²¹ Nota original: Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas FACOM-UFBA (2006). Professor Adjunto PPG- COM-UFPE. email: zeafonsojr@gmail.com Tem pesquisado nos últimos 12 anos as relações entre jornalismo e tecnologia na configuração de modelos de produção e consumo de notícia.

²² Nota original: Bolsista da FACEPE. Mestrando em Comunicação PPGCOM-UFPE com pesquisa sobre coletivos foto- gráficos. Fotógrafo com 20 anos de carreira. Professor do Bacharelado em Fotografia na faculdade AE-SO/ Pernambuco. Email: queiroga.eduardo@gmail.com



Nessa direção, completam ao indicar o tempo como fator primordial para o encaminhamento das rotinas produtivas no fotojornalismo. Para eles, o mundo gira de acordo com a contagem das horas e com a ativação de cronômetros cotidianos que delimitam a duração do instante. “Nesse cenário, para a câmera nada funciona sem a cronometragem do instante. Ela passa a incorporar um obturador, um extrator de tempos, um cronômetro atrelado ao fazer imagens” (SILVA JUNIOR; QUEIROGA, 2010, p. 5).

Por fim, a ideia de que as imagens técnicas interferem no funcionamento do mundo, reconfigurando as relações sociais, é ratificada, uma vez que não só torna possível ver o mundo além das fronteiras geograficamente estabelecidas, mas também interferir no relato dos acontecimentos em uma construção visual, intencional e simbólica de cada acontecimento veiculado.

CONCLUSÃO

Como colocado anteriormente, este estudo foi conduzido por meio dos métodos de abordagem dialético e de procedimento comparativo. O nosso foco foi aglutinar os principais argumentos dos autores referenciados sobre fotojornalismo, extraídos dos 13 artigos científicos aqui analisados.

Do total de textos usados, cerca de 80% problematizam a chamada foto-choque, sendo esse o principal ponto de convergência dos textos. São relatos construídos acerca de como as imagens técnicas funcionam como plataforma para transportar conflitos, situações de violência e afins à vida em sociedade por meio da veiculação de notícias em diferentes contextos e momentos históricos em abordagens que privilegiam a dor do outro escancarada em cada publicação.

Além disso, a representação visual do mundo é citada como elo entre a passagem do tempo enquanto construto social e a estruturação da memória dos fatos por meio da leitura de fotografias jornalísticas.

Seja dispostas em veículos impressos ou digitais, tais imagens tendem a ser retomadas em uma perspectiva replicante e reverberadora de si mesmas conforme o avanço das tecnologias e o alargamento do acesso a dispositivos técnicos como *smartphones*.

Na mesma direção, a análise dos dados permite destacar a intencionalidade com que as fotografias são construídas jornalisticamente já desde a sua gênese: a Guerra da Criméia.



A interação na construção contemporânea desse regime visual é outro ponto relevante, uma vez que reconfigura as relações sociais em relações sócio-técnicas, mediadas pelas tecnologias.

Nesse contexto, as imagens técnicas encontram terreno fértil para frutificar e circular em diversos fluxos e de diversos modos, alcançando o público e resignificando as relações dos sujeitos consigo mesmos, com o outro e com o mundo que os cerca em esquemas cognitivos, afetivos ou morais que atribuem, confirmam ou negam certos valores em vez de outros.

Por fim, percebemos que as discussões sobre o regime de visibilidade do mundo inaugurado pela fotografia prescindem de mais reflexão para que se alcance a complexidade do tema em uma perspectiva que nos permita melhor compreender como, entre outras coisas, o mundo está sendo reconfigurado pelas imagens.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel Azevedo de; BARONI, Alice. **Fotjornalismo e cotidiano nas favelas cariocas**: relações entre as periferias culturais e a imprensa hegemônica. Disponível em:

< http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/10encontro/leonel_aguiar_alice_baroni.doc >. Acesso em 13 de abril de 2015.

ALVES, Fabiana Aline. **Fotjornalismo de capa**: um panorama da atividade nos jornais paranaenses durante o regime militar. Disponível em:

< http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/10encontro/fabiana_aline_alves.pdf >. Acesso em 13 de abril de 2015.

AZOUBEL, Diogo. **Fotjornalismo na Compós**: análise comparativa dos artigos científicos apresentados no Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em:

< <http://www.intercom.org.br/sis/regional/resumos/R44-0824-1.pdf> >. Acesso em 13 de abril de 2015a.

_____. **Fotjornalismo na SBPJor**: análise comparativa dos artigos científicos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo-Parte I. Disponível em:

< <http://www.intercom.org.br/sis/regional/resumos/R46-0506-1.pdf> >. Acesso em 13 de abril de 2015b.

BIONDI, Angie. **Decalques da moral e do rosto**: representação do sofrimento e modos de ver no fotjornalismo contemporâneo. Disponível em:

< http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/cl_13.pdf >. Acesso em 13 de abril de 2015.

“CHOQUE”. Def. 2e; 4e. **Dicionário Michaelis**. Disponível em:

< <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=choque> >. Acesso em 13 de abril de 2015.



COELHO, Anderson José da Costa; CARVALHO, Anna Letícia Pereira de. **Foto-choque e tragédias no fotojornalismo**: análise fotográfica dos terremotos no Haiti e Japão no blog "Big Picture". Disponível em:
< http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/9encontro/CL_20.pdf >. Acesso em 13 de abril de 2015.

FERREIRA, Jorge Carlos Felz. **Iphonephotography e a cobertura de guerra**: novos paradigmas para o fotojornalismo moderno. Disponível em:
< http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/10encontro/jorge_carlos_felz_ferreira.pdf >. Acesso em 13 de abril de 2015.

GOMES, Marcelo Salcedo. **A busca pelo contato no fotojornalismo midiaticizado**. Disponível em:
< http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/10encontro/marcelo_salcedo_gomes.pdf >. Acesso em 13 de abril de 2015.

LEITÃO, Juliana Andrade. **Fotojornalismo e alteridade**: as imagens de guerra sob um ponto de vista ocidental. Disponível em:
< http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/10encontro/juliana_andrade_leitao.pdf >. Acesso em 13 de abril de 2015.

LEITE, Marcelo Eduardo. **O fotojornalismo na O Cruzeiro**: uma aproximação. Disponível em:
< http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/9encontro/CL_104.pdf >. Acesso em 13 de abril de 2015.

MAIA, Andréa Karinne Albuquerque. **O momento decisivo no fotojornalismo atual**: a importância da *métis* na atuação do fotógrafo. Disponível em:
< http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/10encontro/andrea_karinne_albuquerque_maia.pdf >. Acesso em 13 de abril de 2015.

MARCONI, Maria de Andrade, & LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

PEIXOTO, João Guilherme de Melo. **Publicação e circulação no fotojornalismo contemporâneo**: do arquivamento à disponibilização. Disponível em:
< http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/cl_48.pdf >. Acesso em 13 de abril de 2015.

ROCHA, Stéphanie Wrubleski da; SANTOS, Robson Souza dos. **Impressões pela luz**: registro da memória fotográfica e valorização dos pioneiros do fotojornalismo em Itajaí. Disponível em:
< http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/1encontrojovens/P_36.pdf >. Acesso em 13 de abril de 2015.

ROSA, Ana Paula da. **Iconoclasmo midiático**: a força simbólica das imagens. Disponível em:
< http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/cl_10.pdf >. Acesso em 13 de abril de 2015.

SILVA JUNIOR., José Afonso da; QUEIROGA, Eduardo. **Fotojornalismo colaborativo em tempo de convergência**. Disponível em:
< http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/cc_27.pdf >. Acesso em 13 de abril de 2015.